

**RESSENTIMENTOS E SENSIBILIDADES SOBRE A LOUCURA
NA OBRA DE O. G. REGO DE CARVALHO**

Natália Ferreira de Sousa¹

RESUMO

O presente artigo faz uma análise sobre a loucura na obra de O. G. Rego de Carvalho. A loucura aparece em seus livros cercada de sensibilidades e ressentimentos que deixam entrever a maneira como o autor a percebia e lidava com ela, em uma operação de significações e afetividade, que envolvia o seu próprio processo de alienação. Para isso, faz-se uso neste artigo dos três livros do autor, de uma retomada aos conceitos de literatura e sensibilidades e de seus usos dentro da história.

PALAVRAS-CHAVE: História; Loucura; Sensibilidades; O. G. Rego de Carvalho

ABSTRACT

This article makes an analysis about the madness in the work of O. G. Rego de Carvalho. Madness appears in his books surrounded by sensibilities and resentments that reveal the way the author perceived and dealt with it in an operation of significations and affectivity that involved his own process of alienation. For this, it is used in this article of the author's three books, a return to the concepts of literature and sensibilities and their uses within history

KEY-WORDS: History; Madness; Sensitivities; O. G. Rego de Carvalho

Campo vasto de análises, a literatura se fez uma fonte importante para a história justamente por sua parcela do real e por sua liberdade de colocar na escrita possibilidades que não se concretizaram, o que, em sua narrativa, permite ao historiador estudar épocas e fatos passados, costumes há muito fora de uso e as significações de um tempo que perpassam uma sociedade e colocam em evidência suas mais diferentes formas de lidar com os acontecimentos.

Ao deixar a história entrever os caminhos da produção artística sobre o que não aconteceu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se

¹ Possui Licenciatura em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e é mestranda em História pelo Programa de Pós Graduação em História do Brasil pela UFPI.
E-mail: natalia08ferreira@hotmail.com

concretizaram², o historiador acaba encontrando um campo de ressentimentos e sensibilidades profundos dentro da criação de alguém. Alguém que possuía o próprio imaginário sobre um momento ou algo e que colocava na escrita essas percepções de sua realidade. A literatura, deste modo, tem um domínio do real que precede a investigação histórica, pois, antes de tudo, perpassa os sentimentos de construção de uma identidade, que pode ser individual ou coletiva.

É desta literatura povoada de compreensões do real que aqui se faz a análise. Desta literatura onde o simbólico tem um poder de mostrar ao historiador o que se passava em determinado tempo. Mas, ao historiador deve-se o cuidado com a fonte, independente de qual seja, e a literatura, mesmo com o domínio de uma realidade não encontrada através de outras fontes, não pode ser tomada como uma verdade absoluta ou com compromisso com o verídico que a história tem. A literatura tem o seu poder de licença-poética e é justamente essa fronteira que deve ser estabelecida com a história. O encantamento pela fonte estudada é comum aos historiadores, mas manter o compromisso ético com a verdade é o que torna esse pesquisador um profissional de sua área.

No plano das sensibilidades, a escrita de O. G. Rego de Carvalho é vasta, pois, assim como Sandra Jatahy Pesavento classifica que a as sensibilidades “não se trata de algo que se situe no domínio do explícito, mas das insinuações, dos silêncios, dos recursos metafóricos da linguagem, das dimensões implícitas no jogo social”³, a loucura na obra do autor não aparece de maneira que salta aos olhos do leitor, mas em uma exposição de acontecimentos do cotidiano e que interrompem com a naturalidade da ordem deste. É através do isolar-se de um personagem, ou de uma tentativa de suicídio jamais imaginada, de cochichos sobre as atitudes de uma pessoa da história ou mesmo do histórico de uma cidade e sua “população louca”. Esse domínio sobre as representações da loucura e sobre as suas sensibilidades encontra-se na própria formação identitária do autor, que passou a infância em uma sociedade marcada pela

² SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Ressentimento e Ufanismo: Sensibilidades de um sul profundo. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

loucura e por costumes de se esconder ela. No campo das sensibilidades, também não se deve retirar a dimensão do espacial, pois esse vai ser uma referência na formação da identidade do autor. Em sua obra, a história vai ser atravessada pelos espaços e temporalidades que tiveram significados em sua apreensão do mundo.

Em se tratando de seus livros propriamente, o que se percebe neles é um aprofundamento desses três campos em uma relação com o amadurecimento da escrita de O. G. Rego de Carvalho. Cada livro possui suas particularidades ao mesmo tempo em que as histórias são conectadas por personagens, cidades e até mesmo eventos em comum. Partindo desses pontos, do primeiro livro ao seu último, enxergam-se os modos de como o autor foi afetado pelo espaço e temporalidade que o cercava e como concebeu sua identidade, em um processo de percepção de práticas sociais que o levaram a marcar seus livros com as suas próprias experiências sobre a loucura. Para uma melhor explicação de como ela se mostra em sua obra, uma abordagem individual de cada livro foi feita de forma a valorizar também as especificidades de cada. Que se passe logo a eles.

1.1 Ulisses Entre o Amor e a Morte

É no espaço urbano que as narrativas de O. G. Rego de Carvalho se centram. Espaços a moldar sentimentos e sociabilidades, seja Oeiras ou Teresina, o urbano em sua obra aparece como:

Capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, às suas ruas e formas arquitetônicas, aos seus personagens e às sociabilidades que nesse espaço tem lugar. Há, pois, uma realidade material - da cidade construída pelos homens, que traz as marcas da ação social. É o que chamamos cidade de pedra, erguida, criada e recriada através dos tempos, derrubada e transformada em sua forma e traçado⁴.

As vivências da cidade, desse modo, são algo que delineiam as personagens do escritor, pois elas sentem essa cidade real como espaço de ação social e evocam memórias referentes a cada local, cada memória sendo acompanhada de um particularidade do sensível a aquele que sente. É uma relação de sentir e possuir, pois o

⁴ PESAVENTO, Sandra J. O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. 400p.

indivíduo que sente o local, o tem como uma posse imaginária, pois tem suas expressões por ele, tem a sua maneira de evocá-lo em sua lembrança e de querer modifica-lo. Tudo isso o torna único e possuidor de algo que ninguém pode interferir, é sua representação do real.

O primeiro livro de O. G. Rego, *Ulisses Entre o Amor e a Morte*, coloca essa questão em evidência em suas páginas. Ulisses na história é o personagem principal, é o mais moço de uma família de três irmãos, que perdem o pai quando ainda são crianças e pouco depois se mudam de Oeiras para Teresina. É nele que a história se centra e a narrativa principal se desenrola, na sua descrição das pessoas, dos lugares, gestos e sentimentos. Ulisses, assim, aparece como a pessoa que guia as percepções ao redor de si e dos outros, fazendo o leitor acompanhar a mudança de assimilações deste, na medida em que ele vai crescendo na história e a cidade ao seu redor se enche de novos lugares e pessoas. A história do livro se passa em cem páginas, com capítulos curtos, que de acordo com o autor, foi uma escolha para não escrever o vulgar, pois “o escritor não deve escrever vulgaridade – deve eliminar aquilo que é óbvio – ou se ele vai escrever uma cena de almoço, faça com que naquela cena de almoço haja alguma coisa, algum acontecimento diferente, e não só a rotina⁵.

A história se passa na primeira metade do século XX, entre Oeiras e Teresina, sendo a morte do pai de Ulisses o fator de mudança da família da velha capital do estado para a nova. Na primeira parte do livro, que se passa em Teresina, entra-se em contato com os personagens do círculo familiar de Ulisses, sendo os de maior proximidade, seu pai, sua mãe, seu irmão José, e sua irmã Anália. Os nomes dos dois primeiros não são apresentados no livro. Antes de se mudarem para Teresina, os irmãos vão passar um tempo na casa de campo de seu avô e lá e lá aparecem outros personagens, como Tia Julinha, o avô, sua segunda mulher, seu primo Olavo e Joana, acometida pela loucura desde a morte de seu filho e que fica relegada a um quarto.

Dessa parte da história, se faz necessária uma reflexão sobre a cidade de Oeiras e de como ela se apresenta na narrativa, já que elementos pontuados pelo próprio autor merecem maior atenção. O primeiro elemento que se faz pertinente de análise é a

⁵ CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Quimera Editor, 2014, p. 34

questão da busca do novo, com a capital Teresina sendo essa representação. A medida em que o pai de Ulisses vai para a cidade na busca de tratamento para a sua enfermidade e com sua morte, a família busca nela uma nova forma de recomeçar a vida, como se Oeiras estivesse maculada, não podendo oferecer mais nada para aqueles que querem sair dela e buscar em terras longes pelos seus Eldorados. Esse é um processo histórico que, desde o século XIX, e com a transferência da capital se aprofunda, com seus habitantes se mudando junto com esta.

Essa parte de Oeiras se mostra rica em expressar os sentimentos acerca da saudade despertada por aqueles que partem de sua terra e carregam em si expressões desta por toda a vida. Com a personagem Joana, O. G. Rego coloca no livro outro problema que era comum em Oeiras, que eram a quantidade de pessoas loucas. Joana, apesar de aparecer brevemente na história, mostra a maneira como os loucos eram tratados na época, que, pela falta de um hospital que tratasse dessas doenças, ficavam relegados a um quarto, sendo vigiados por alguém. O. G. Rego de Carvalho aponta isso em sua escrita:

Odílio Costa Filho – se vocês se lembram bem -, escritor maranhense, radicado muito tempo no Piauí, dizia com muita propriedade que em Oeiras eram raras as casas que não tinham o quarto do doido. Eu não conheci esses quartos, mas conheci um lugar isolado, esquecido, na proximidade do morro, próximo do Mocha, onde vivia um louco que mais tarde, à custa de urinas, conseguir fazer ruir a parede de adobe e desceu assustando a cidade, totalmente nu e agressivo⁶

A loucura no livro é retratada através da morte de um ente querido para os personagens, com Joana que perdeu o filho e José que perdeu o pai. O comportamento deste último chama atenção das personagens da história, o que se nota em conversa entre Tia Julinha e a segunda mulher do avô dos meninos:

- Eles tem gostado aqui da “Selga”- Comentava tia Julinha. Menos José. Que criatura esquisita.
- É assim mesmo, esse menino.
- Mamãe, ele não sente!
- Refere-se à morte do pai? Ulisses também...

⁶ CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Quimera Editor, 2014, p. 20

- Esse não. Um dia, estávamos no moinho, quando Olavo, por inadvertência, falou do tio como uma pessoa de bom coração. Eu quis amenizar e não pude. Ulisses baixou as pálpebras. Ao erguê-las trazia os olhos úmidos; já o irmão se mostrou frio e indiferente.
- Certo ainda não penetrou a significação da morte, ou vive reprimindo a mágoa.
- Tanto pior: a dor contida leva a muitos caminhos, até o da loucura⁷.

Nesta passagem do livro, é possível perceber a loucura se manifestando através da dor da perda de um familiar, se José na fala de sua tia é mostrado com o traço de loucura por não perceber a significação da morte de seu pai. Outra personagem, Joana, de sua família também, fica louca por perder seu filho. Ressentimentos enraizados que não permitem exteriorizar a dor e o ambiente da “Selga” onde está passando os dias com seu irmão, colocam em evidência para todos que José não consegue conviver com os demais e busca a cada dia mais o isolamento, comportamento destacado quando a família se muda para Teresina e este passa a não frequentar a escola e a sair para o subúrbio da cidade, em suas partes desertas.

Em Oeiras eram muitos os caminhos que levavam as pessoas para a loucura. Os casos consanguíneos que existiam desde a fundação de Oeiras por parte do casamento entre membros da família são apontados como a principal causa dessa institucionalização da loucura, apesar dos ressentimentos por parte da transferência da capital também ser questionado. A transferência deixa na cidade um rastro de desilusão que leva a sérios problemas sociais e econômicos na sociedade, o que seria um possível despertar da loucura em alguns casos.

Agora, em mudança junto com Ulisses e sua família de Oeiras para Teresina, encontramos na figura deste as emoções que surgem ao se deixar para trás o lugar onde nasceu e começar vida nova em uma cidade maior e desconhecida. Misto de saudade e expectativa, logo o menino Ulisses inicia, junto com a presença de novos amigos que são mostrados na história, o Arnaldo e Norberto, suas vivências pela cidade e a ter contato com o sexo oposto, pois abandonado a infância, era costume que os meninos já no início da adolescência iniciassem sua vida sexual. Costume da época, ainda provinciano, que marcava a passagem de menino para homem.

⁷CARVALHO, O. G. Rego de. **Ficção Reunida**. 2.ed. Teresina: Corisco, 2003, p. 38

Apesar de, no contexto da história, que é o da primeira metade do século XX, Teresina já passar por uma série de mudanças que, segundo o discurso oficial, servia para deixá-la com mais ares modernos, no rastro da modernização das outras capitais do país. Teresina dos banhos de rio, das quintas, das amendoeiras e dos namoros à porta das igrejas. A medida em que avançava pela cidade a noção de modernizar Teresina, esses antigos entendimentos sobre a ordem das coisas desaparecia para se ter uma forma urbana de viver. Na cidade de Teresina em meados da década de 1950, essa formação do moderno evidenciada pela reformulação de lugares como a Avenida Frei Serafim, o Liceu Piauiense e a construção do Hospital Getúlio Vargas acabou por não esconder o atraso em que a cidade se encontrava em relação às outras capitais ao redor do país. Em relação a isso, Francisco Alcides assim escreve: “Teresina era, assim, o retrato da pobreza e do atraso do Piauí, denunciando a imprensa escrita local até a falta de produtos de primeira necessidade, como a carne e o café”⁸.

Nesse período, as transformações urbanas pensadas pelo Estado brasileiro na busca de se formar cidades limpas e modernas, acabaram por associar a ideia de “moderno” com as de organização e saneamento, colocando para longe dos seus centros de poder, tudo aquilo que não combinasse com a estética da cidade imaginada. Essa estética era cada vez mais impulsionada pelo desejo do “novo” em torno da cidade, um desejo de reformular ou até mesmo apagar marcas que seriam capazes de atrasar o Brasil no cenário mundial em que ele se projetava.

Neste seu primeiro livro, O. G. Rego já deixa visível a forma sutil como trabalha com a loucura, colocando esta sempre entre sensações de estranhamento e interrupção da ordem natural das coisas, a loucura em constante atividade misturando melancolia, isolamento, não adequação a lugares e pessoas, bem como a não manifestação de sentimentos. Nesta narrativa, o estranhamento e incertezas perante a doença é o que se configura mais forte.

1.2 Somos Todos Inocentes

⁸ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Cajuína e cristalina**: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. Rev. Bras. Hist. São Paulo, vol.27 n°.53, Jan./Junho 2007

“Somos Todos Inocentes” é a mais forte expressão de memória e (res)sentimentos em meio a Oeiras histórica na escrita de O. G. Rego de Carvalho, pois o livro, que já nasceu fruto das discussões e da mágoa que o autor possuía com os meios literários piauienses, aborda questões que atravessam o traçado da cidade, passando por sua sociedade altamente tradicional do início do século XX

A história se passa no ano de 1929, e se relaciona com figuras de poder da cidade, como os líderes políticos locais, o juiz e até mesmo as casas, no caso da história o sobrado imperando em torno da cidade. A religião é outro aspecto abordado na história que passa a imagem de salvação, sendo Oeiras conhecida por suas festas religiosas e procissões, onde a fé no livro é sinônimo de salvação para seus personagens. Os pobres relegados à zona periférica da cidade são outra demonstração que, até na geografia da cidade, o poder local imperava.

A história gira em torno dos personagens Raul e Dulce, que, apesar de se gostarem, são separados por um conflito que atravessa gerações de suas famílias, brigas políticas que mancham a honra familiar e atentados que resultam em morte. Essas questões resvalam desde o primeiro momento do livro, em que a personagem Dulce nota a chegada de Raul, por quem está apaixonada e em conversa com Amparo, sua amiga, esta pergunta: “Ah, sim, a velha história. Por que não esquecem isso hem Dulce? Por quê?”. Esta se remete ao acontecimento de desavença entre chefes políticos locais, onde eram também os chefes das famílias e que por causa dessa briga, separou as duas famílias na narrativa. O ressentimento então cria marcas não só do privado, mas também do público, pois origina dele disputas de poder, já que cria relações que não podem ser desfeitas por um simples apaziguamento, mas por lutas, por uma questão de ego e de poder, em que só aquele que ganha as batalhas pode demonstrar misericórdia ou não.

Marc Ferro coloca os ressentimento moldando decisões ao longo da História em seu ensaio *O Ressentimento na História*, em que mostra como ele está por trás de grandes disputas e contribuem para a inteligibilidade na História⁹:

⁹ FERRO, Marc. *O Ressentimento na História*. Rio de Janeiro: Agir Editora, 2009, p. 09

A revivescência da ferida passada é mais forte do que toda vontade de esquecimento. A existência do ressentimento mostra o quanto é artificial o corte entre passado e presente- um vive no outro, o passado tornando-se presente, mais presente que o presente. E a História oferece diversos testemunhos disso¹⁰.

A exaltação desses poderes tornou a cidade predominantemente fechada em torno de si, com uma concepção de que seus valores seriam melhor preservados sem a disseminação de seus ideais através de casamentos com pessoas que não participassem do mesmo círculo social. Era uma maneira de auto preservação, agravada pela perda de seu lugar como capital, que levou esta a se resguardar nos seus valores, valores de fé, de tradição, que não podiam ser quebrados para não haver uma ruptura com o sentimento simbólico de poder da cidade.

Consciente ou inconscientemente a população apega-se aos signos representantes do poder... Os elementos mediadores da relação entre o homem e o mundo são representados pelos signos numa dimensão psicológica e pelo instrumento numa dimensão material. A internalização dessas representações é que desenvolvem um sistema simbólico organizado em estruturas complexas e articuladas que libertam o homem do transito no espaço e tempo presentes possibilitando heranças que permanecem da interação do homem histórico e cultural por meio das inter-relações estabelecidas socialmente¹¹.

Assim, os personagens desse seu livro são presos a uma velha dinâmica, sendo os ressentimentos encontrados na narrativa provenientes em parte desse meio. Ressentimentos ligados também à morte, ao amor perdido e a posição alcançada, fazem girar a trama. As discórdias políticas marcam a história do livro e os ressentimentos presente nele em todos os sentidos, pois delas nascem às diferenças de classes, a separação de famílias, os abusos de poder.

A partir dessa visão de mistura de emoções é que se percebe como as sensibilidades giram em torno de uma Oeiras que ainda busca lidar com a separação de seu título de capital do estado na obra de O. G. Rego de Carvalho. A maneira encontrada é através de seu próprio refúgio nas glórias do passado, que resistem perante as tradições impostas em seus habitantes do início do século. E com a mudança da

¹⁰ FERRO, Marc. O Ressentimento na História. Rio de Janeiro: Agir Editora, 2009, p. 14

¹¹ FROTA, Paulo Romulo de Oliveira; MOURA, Elaine Cristina C. **A ARTE & LOUCURA – UM ESTUDO HISTORICO CULTURAL**. Travessias. V. 04, n. 01, 01-10, 2010

família de Dulce no final para Teresina, é como e consagrasse a perda de espaço que esta sofre até começar a se reinventar, até notar que o seu refúgio no passado pode ser não uma autopreservação, mas sim uma decrepitude nos modos de viver.

1.3 Rio Subterrâneo

Em “Rio subterrâneo”, a abordagem do livro é de uma fala mais sentimental, onde não existe um personagem que possa ser chamado de principal, mas várias histórias que se complementam e formam uma narrativa, não voltada para o sentido tradicional desta, com início, meio e fim, mas com um enredo em que as histórias guiam a compreensão do leitor para a compreensão do todo.

A história do livro se passa em uma Teresina da segunda metade do século XX, entre a década de 1950. Tem relação com as histórias dos outros livros de O. G. Rego, trazendo nele personagens que para o leitor que lê seus livros, já eram conhecidos. Como já colocado, vários são os personagens que aparecem na trama literária, sendo Lucínio quem abre o livro. Lucínio é um rapaz atormentado pela incerteza da doença do pai, onde este não sabe direito o que se passa e a sua mãe, Marieta, irmã de Dulce, não parece o querer contar. Esta por sua vez parece não confiar no psicológico do filho, pois passa a rememorar episódios da infância deste, em que ele a assustava. Este rememora seu tempo no sobrado de Oeiras, onde convive com a personagem Joana, que volta a parecer neste livro. Distante dessa quinta de Timon, em Teresina o personagem Hermes sonha com o amor da mãe de sua amiga, Afonsina, namorada de Lucínio, este é parente ainda de sua família, ligados pelo sangue que vinha de Oeiras. Outras várias personagens aparecem na história, como Helena, Afonsina, Neusa, Benoni. Cada um deixando entrever sua marca na narrativa, onde o final retoma a Oeiras, a terra deixada por todos.

Livro em que está presente também parte de sua vida, já que o livro foi escrito em homenagem a seu irmão, que adoeceu da mente e também a custa de sua própria saúde, pois o autor adoeceu em seu processo de escrita. É um livro marcado pelas

lembranças do processo de adoecimento e que o autor coloca como sinceras, pois para ele, “o que o leitor quer é que o autor seja autêntico, seja sincero”¹².

Com isso, os sentimentos que mais afloram do livro é o de perda, mudanças, crescimento físico e intelectual, loucura. Sentimentos de um jovem que vê o seu mundo em transformação e procura se adaptar a elas. Essa relação com o lado emocional também é notada em seus outros dois livros, sendo a escrita de O. G. Rego marcada por eles. Eles dominam a escrita do autor colocando em questão a força deles e sua influência no que concerne as escolhas da vida dos personagens. O sentimentalismo em sua obra aparece carregado de (res)sentimentos colocando um significado extra em cada decisão vista na obra. (Res)sentimentos que tem a ver com a própria realidade do autor, já que a Oeiras e a Teresina de sua obra tem significados no real.

A memória encontra-se, assim, prisioneira da história ou encurralada nos domínios do privado e do íntimo, transformou-se em objeto e trama da história, em *memória historicizada*. Esse movimento é inexorável e sem volta, toda memória hoje em dia é uma memória exilada, que busca refúgio na história [...] ¹³

A loucura na obra de O. G. Rego de Carvalho esta ligada aos (res)sentimentos, estes sendo marcados por suas diversas formas como melancolia, solidão, incompreensão, um passado que pesa sobre o ser humano. Nas figuras de José e de Lucínio é que eles serão mais abordados. Assim “Para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta”. Assim Michael Pollak¹⁴ fala de como as pessoas lidam às vezes com a própria dor e sofrimento, mas isso difere no caso do irmão de Ulisses pois este se mostra pronto para se esquivar de falar da própria tristeza, se este o sente em relação ao pai.

A figura paterna aparece nos três livros do autor como sendo responsável por este sentimento de dor, melancolia ressentimento. Giram em torno do ser pai as mais

¹² CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Quimera Editora, 2014, p. 32.

¹³ SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004. p. 37-55.

¹⁴ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol 02, n 03, p. 03-15, 1989

diversas concepções do que sua figura pode levar os filhos a sentirem. Em *Ulisses* há a dor da perda do pai, a memória do menino evocando a figura paterna. Em *Somos Todos Inocentes*, há o ressentimento ante a perda do pai, causada pelas circunstâncias de sua morte em meio à chegada do inimigo e de sua estar junto com ele. Em *Rio Subterrâneo*, há a melancolia em torno dele, já que Lucínio vive atormentado por sua presença, não compreendendo a doença que seu pai sofre e procurando se afastar de casa para não ter que lidar com o pai.

Em Lucínio há também a questão da loucura colocada desde que a personagem era criança, colocando essa melancolia em um estágio mais profundo e atormentador nele quando adulto. A figura de Joana aparece mais uma vez em *Rio Subterrâneo* despertando sensações neste, quando passou um tempo em Oeiras. Aqui se nota a ligação das histórias, pois a mesma figura que causava medo em *Ulisses* é colocada em *Rio Subterrâneo* como objeto de curiosidade para Lucínio. É como ver passar nos três livros a loucura entre eles presente em todas as famílias. É como se Oeiras carregasse isso em seus habitantes.

O ressentimento vive entre aqueles que o imaginam como responsáveis de um evento, algo que causou dano irreparável em vidas e que nada mais resta a não ser continuar tentando reparar o mal causado. Esse (res)sentimento é tão forte entre os que tiveram sua vida marcada por ele, que acompanha gerações de uma mesma família. Em *Rio Subterrâneo* nota-se que ele marcou a vida da irmã de Dulce, Glorinha, que apesar de casada e da irmã vivendo em Teresina e do casarão não existir mais, ainda se ressentida pela morte do pai, colocando a culpa ainda em Raul e tentando transmitir esse mesmo rancor para a sua filha. Essa questão em seu psicológico é de tal maneira profunda, que esse rancor se estende também para Oeiras e quase a impedia de casar com quem queria.

Assim, é uma forma de autodefesa de Glorinha continuar vendo em Raul o responsável pela morte de seu pai. Ela não se permite esquecer esse ressentimento passado, pois seria uma forma de esquecer também o próprio pai e tudo em que ele acreditava, a figura paterna sendo para ela aquela em que tudo era maravilhoso, sem mácula alguma, ultrajado pelo Ribeiro que levou sua irmã a frequentar o Sobrado

fazendo assim seu pai pagar com a vida o preço da vergonha. O ressentimento não permite que as lembranças passadas sejam esquecidas em uma tentativa de não apagar a pessoa que sofreu o dano, a memória dela persistindo acima de tudo e suas crenças também.

Considerações finais

É através das significações, dos silêncios, das percepções do mundo que uma identidade vai sendo construída e que na literatura encontra espaço para, a pessoa que escreve, poder externar essa confluência de coisas e sensações que atravessam sua vida e moldam seu pensamento. As sensibilidades se encontram dessa maneira no cerne do autor, por ter acesso a um olhar não de racionalidade, mas de subjetividades que ajudam na interpretação do real e que devem ser valorizados como forma de conhecimento de si e do outro.

Neste entrecruzamento da vida de O. G. Rego com seus livros, as suas histórias retomam uma parte dessas sensibilidades que moldam a sua identidade, em que contam aspectos dela, como em seu livro *Ulisses*, que o autor declarou ser em parte autobiográfico, por conta de cenas em que mostram uma família sofrendo a perda paterna e a sua conseqüente mudança para a capital, Teresina. São mostradas, na análise do livro, sensibilidades em torno dessa perda na vida de um menino, o conhecimento da loucura, e o seu deslumbramento com a nova cidade e suas experimentações nela. Percebe-se, com isso, o embate de sensibilidades na vida e obra de O. G. Rego de Carvalho.

O uso das sensibilidades em uma análise histórica deve permitir a compreensão das significações do passado investigado. É um exercício que vai ser pontuado não pela racionalidade, pela objetividade, mas sim pelo subjetivo, pelas particularidades de uma época expressas no objeto de análise. Essa questão acerca das sensibilidades encontra na literatura uma fonte profícua, já que, ao lidar com silenciamentos e o que não está explícito, ela alcança de forma mais profunda a maneira como os indivíduos se insinuam, se apresentam ao mundo. “A sensibilidade é, pois, capacidade humana, que

fundamenta a apreensão do real”¹⁵. A loucura em O. G. Rego parte exatamente desse ponto em que ela não é mostrada abertamente em sua escrita, mas fica entendida através do estranhamento de atitudes, da falta de emoção, e do isolamento perante o próximo.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, O. G. Rego de. **Ficção Reunida**. 2.ed. Teresina: Corisco, 2003.

_____. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Quimera Editora, 2014.

FERRO, Marc. **O Ressentimento na História**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 2009.

FROTA, Paulo Romulo de Oliveira; MOURA, Elaine Cristina C. **A ARTE & LOUCURA – UM ESTUDO HISTORICO CULTURAL**. Travessias. V. 04, n. 01, 01-10, 2010.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Cajuína e cristalina**: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. Rev. Bras. Hist. São Paulo, vol.27 n°.53, Jan./Junho 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. 400p.

_____. Ressentimento e Ufanismo: Sensibilidades de um sul profundo. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol 02, n 03, p. 03-15, 1989.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004. pp. 37-55.

¹⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy Pesavento. Ressentimentos e Ufanismo: Sensibilidades do Sul Profundo. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004, p.221-236.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Brasiliense, 1999.